

# **SISTEMA POLÍTICO-SOCIAL DOS BALANTAS NA GUINÉ-BISSAU: A HORIZONTALIDADE COMO PRINCÍPIO DEMOCRÁTICO**

Bissawidna N'quinde Nandiba<sup>1</sup>

Luís Tomás Domingos<sup>2</sup>

## **RESUMO**

O presente artigo buscou compreender em que medida o sistema político dos Balanta se assemelha ao que hoje conhecemos como democracia, um regime que, entre outros, é o mais predominante na sociedade moderna. Para isso, realizamos uma descrição preliminar que revela as diferentes fases etárias e etapas presentes na sociedade Balanta, organizadas desde o nascimento até a velhice, marcadas, em sua maioria, por atos de iniciação. Cada uma dessas fases, subdivididas em etapas, constitui os colegiados de homens e mulheres. Analisou-se o princípio de horizontalidade do povo Balanta, as relações de poder, a independência dos colegiados e a forma como cada fase etária é supervisionada pelas demais, estando sujeita a sanções no caso de descumprimento das regras. Foi abordada a ausência de um chefe ou poder centralizado, o que implica na inexistência de uma classe social dominante. No entanto, verificou-se que a tomada de decisões está vinculada às posições hierárquicas ocupadas sequencialmente desde a infância até a última fase da vida adulta. Por fim, buscou-se refletir sobre o significado de riqueza nesta sociedade. O principal objeto de análise foi a importância e a representatividade do arroz e das bolanhas (lugares de cultivo de arroz) na comunidade Balanta, bem como dos rebanhos e outros bens econômicos, considerados essenciais para a vida social e religiosa do povo Balanta.

**Palavras-chave:** Balanta, Guiné-Bissau, Democracia, colegiados, fases etárias.

---

<sup>1</sup> Bacharel em Humanidades e licenciando em sociologia, pela UNILAB. O presente artigo é um Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) de Licenciatura em Sociologia da Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira (UNILAB), como requisito para à obtenção de título de Licenciado em Sociologia E-mail: bisawquindiba@gmail.com

<sup>2</sup> Docente (Orientador), Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira, Instituto de Humanidades, e-mail: luis.tomas@unilab.edu.br

## 1. INTRODUÇÃO

Este artigo tem como objetivo descrever a estrutura político-social do povo Balanta, considerado um dos mais autêntico<sup>3</sup> entre os povos da Guiné-Bissau, cujo sistema político é fundamentado em princípios “democráticos”, baseados nos ritos de iniciação, divididos em fases e etapas, tanto para homens quanto para mulheres. O povo Balanta, além da Guiné-Bissau, são encontrados no Senegal, em Guiné e Gâmbia, países fronteiriços com a Guiné-Bissau. Assim sendo, o trabalho está constituído por três seções e subseções. A primeira seção descreve a origem e trajetória de Balantas até a atual território (Guiné-Bissau), a etimologia do termo “Balanta” e os processos de autoidentificação desse povo. A segunda aborda as estruturas organizacionais e político que operam por meio de colegiados. A terceira e última seção analisa como a horizontalidade deste povo se manifesta, com foco nas relações de poderes entre as diferentes fases e etapas.

Além de descrever a organização do povo Balanta, o artigo busca compreender como o sistema social Balanta pode contribuir para o fortalecimento do processo de estabilização democrática na Guiné-Bissau. A principal questão norteadora do estudo é: como funciona a horizontalidade dos Balantas, onde todos são considerados iguais e as decisões mais relevantes são tomadas pelos conselhos de anciãos (Semedo, 2015, p. 7), compostos por aqueles que já passaram pelas cerimônias de iniciação, como o casamento ou o Fóh<sup>4</sup>).

A escolha da temática justificou-se em três dimensões principais. Primeiramente, o interesse pessoal: sendo eu próprio um Balanta que vivenciou algumas fases e etapas de iniciação, interessou-me aprofundar, a partir de um contexto acadêmico, o entendimento sobre quem sou e o significado político da estrutura do povo Balanta. Em termos de relevância social, o estudo busca destacar a importância das especificidades culturais de cada grupo étnico do país para a estabilidade político-social. Em particular, visa identificar, dentro de cada grupo étnico, elementos que possam reforçar a construção de um regime democrático alinhado às particularidades da sociedade guineense. Por fim, no âmbito acadêmico, o objetivo é contribuir para a produção de conhecimento, fornecendo

---

<sup>3</sup> “Quando o Guineense fala do Balanta é raro não ser com um sentimento mitigado, feito de admiração e de incompreensão ou mesmo de uma certa apreensão. A referência ao Balanta não deixa ninguém indiferente ou passivo”. Semedo, Rui Jorge. Técnica e saberes locais da tradição Balanta. Bissau, Tinguena, 2015, p. 07).

<sup>4</sup> É a cerimônia de circuncisão realizado na última fase da vida do homem Balanta, com prerrogativa de ser responsável da máxima da família, para tratar das questões espiritual, resolução dos assuntos mais complicado da família. Elaborado pelo autor.

informações e análises precisas que possam servir de base para futuros pesquisadores interessados na área.

Tendo em vista a temática e o objetivo da pesquisa, adotamos o método qualitativo, que permite uma análise aprofundada das especificidades do povo Balanta da Guiné-Bissau. De acordo com Creswell (2010), a pesquisa qualitativa é um procedimento metodológico que possibilita compreender e interpretar os significados atribuídos por uma sociedade a determinado fenômeno. Para a coleta de dados, utilizou-se a revisão bibliográfica, incluindo livros, artigos, dissertações, teses e outros materiais relevantes. Os principais autores consultados foram: Camilleri (“A Identidade Cultural do Povo Balanta”, 2010); Simões e De Mato (“Babel Negra: A Etnografia e Arte do Indígena da Guiné”, 1935); Imbali (“Um Olhar sobre o Sistema Alimentar Balanta”, 1992); Semedo (“Técnicas e Saberes Locais da Tradição Balanta”, 2015); Namone (“Educação Tradicional na Guiné-Bissau: Caso das Crianças da Etnia Balanta-Nhacra”, 2019), entre outros.

## **2. A ORIGEM DOS BALANTAS, DOS NOMES E SIGNIFICADOS.**

Os Balantas constituem o grupo étnico mais numeroso da Guiné-Bissau, representando 27% da população guineense, seguidos pelos Fulas, com 23%, e outros grupos (INE, 2017 apud Aneme, 2018, p. 9). Além da Guiné-Bissau, os Balantas também estão presentes nos países como, Guiné, Senegal e Gâmbia. Acredita-se que eles migraram para atual Guiné-Bissau, partindo de Egito à Etiópia, depois passaram para Sudão, donde saíram pela última vez rumo à África Ocidental (Simões; De Mato, 1935, 114). Segundo esses autores, os Balantas “descende possivelmente dos etíopes do Oeste, com predomínio de caracteres *bantus*”.

Motivos das suas migrações para estas regiões da África ocidental é atribuído às perseguições (guerras/impérios), e como também os fatores econômicos, isto é, em razão da procura das melhores terras para as práticas agrícolas, criação de gados e outros, sendo suas principais atividades econômicas (Semedo, 2015, p.19). Subdividem-se em seis grupos, entre quais, Balanta Nhacra, Balanta Quintoé, Balanta Naga, Balanta Patche, Balanta Mané e Balanta Dame (Namone, 2019, p. 126 – 127). Na Guiné-Bissau, povoam-se na zona norte, região de Oio e zona sul, nas regiões de Quinara e Tombali. Apesar das subdivisões, os Balantas compartilham mesmos territórios, ascendências, língua, tradições e sobretudo, uma estrutura político-social.

Entre os subgrupos, destacam-se os Balanta Quintoé, também conhecidos como “Balantas de Dentro”, e os Balanta Nhacra, chamados “Balantas de Fora”. Este último grupo

recebeu essa denominação porque migrou do norte da Guiné-Bissau para o sul, deixando suas terras tradicionais em busca de regiões mais propícias para a prática agrícola. Na língua Balanta, os Balanta Nhacra ou simplesmente Balanta de Fora, são chamados de *Buúnguê*. Esse nome é atribuído metaforicamente ao grupo devido às suas características migratórias, uma vez que uúnguê é uma ave migratória conhecida na região, sendo Buúnguê o plural dessa ave. . Estes dois subgrupos (Quintóe e Nhacra), segundo Pinto (2009), também são conhecidos como Balantas Bravos, devido as suas revoltas contra trabalho forçado e de taxaço de impostos colonial portuguesa durante invasão destes (Pinto, 2009, p. 47).

Como surgiu o nome "Balanta" e como este grupo étnico se autodenomina? Os nomes atribuídos a povos, indivíduos ou coisas carregam significados que podem exaltar ou julgar, incorporar sentidos diversos e contar histórias. Eles ensinam, prescrevem moral e reestabelecem regras na sociedade. Nesse sentido, Camlleri (2010, p. 14–15) afirma que "o nome com que é definido um povo é muito importante porque exprime uma forma de comportamento e uma forma de relação na aproximação com outros povos diferentes e que normalmente se conclui com um júzo de valor".

O nome Balanta não foge a esses princípios. Segundo Simões e De Matos (1935, p. 113), ele surgiu no contexto dos contatos entre os Balantas e os Mandingas. A pesquisa dos autores relata que: "Do seu pertinaz isolamento e da relutância em se submeter ao domínio dos Mandingas, parece ter derivado o nome hoje dado à "tribo", pela deturpação do vocábulo mandinga abalanta, que significa 'os que se negam', 'os que recusam'." Em outras interpretações, a recusa dos Balantas em se submeterem, especialmente ao islamismo, levou os Mandingas a atribuir-lhes nomes como "rebeldes", "desobedientes" ou "aqueles que não se submetem", seja à entidade religiosa ou ao então reino Mandinga de Kaabú, que exerceu influência entre os séculos XV e XIX (Pinto, 2009, p. 47).

Diante disso, é igualmente relevante conhecer como os Balantas se autodenominam e o significado desse nome em sua própria língua, para compreender plenamente a visão que têm de si mesmos e sua identidade cultural.

Na língua Balanta, o plural de substantivos, podem ser representados pela letra “B” no início da palavra, contrário do que acontece na língua portuguesa, em que o “s” / “m”, representam o plural (numeral) nos finais das palavras. Na língua Balanta, a palavra “*Rassa*”, do verbo — permanecer — continuar — (no infinito), acrescentando a letra “B” no início, lê-se “*Brassa*”, (no plural, sendo *Arassa* singular do mesmo), significando indivíduos permanentes ou gentes permanentes. Indica a ideia de pessoas ou grupos de

indivíduos que não se mudam, que registem a mudança, ou que estão determinados a viverem independentes. Coincidentemente, o nome *Brassa*, tanto quanto o Balanta, remetem-nos a um único significado: os que mantêm os seus princípios, portanto, resistentes à quaisquer imposições. A não submissão dos Balantas aos diversos contextos históricos poderia ser atribuído a sua estrutura político-social? A próxima seção é dedicada a tratar de como essa sociedade está estruturada, as esferas da tomada das decisões e hierarquia político-social de poder como um modelo democrático.

### **3. ORGANIZAÇÃO POLÍTICA DOS BALANTAS E A DEMOCRACIA**

#### **3.1 As fases etárias dos Balantas, homens e mulheres**

Nesta seção, dedicada a tratar da estrutura político-social que constitui o povo Balanta, passamos a usar propositalmente o nome *Brassa* para se referir à Balanta, sendo o nome reconhecido na sua comunidade, cujo seu sentido se relaciona aos seus princípios. importante frisar que alguns autores, equivocadamente ou não, usam/usaram o termo “*Brassa*” para se referir aos Balanta Nhacra, um subgrupo que constitui o povo Balanta. Mas, não existe um subgrupo denominado “*Brassa*”. O que ocorre é que, na língua Balanta, o termo “*Brassa*” funciona como um substantivo comum para designar o coletivo. Ou seja, na própria língua Balanta, os subgrupos constituintes são identificados por meio da palavra “*Brassa*”, precedida por um elemento que indica o subgrupo específico. Por exemplo: *Brassa Buúnguê* (Balanta Nhacra), *Brassa Bintohé* (Balanta Quintoé), *Brassa Binaga* (Balanta Naga), *Brassa Bissonh* (Balanta-Mané conhecidos em Senegal por Balanta-Bejaa ou Balanta Becanja), *Brassa Bishane* (Balanta Mansoanca/Balanta Cunante), com exceção de *Balanta Patche*, que mantêm a designação *Patche* (Português) ou *Patch* “*crioulo*” (Namone, 2019, p.126-127; Semedo, 2015, p.16; Giesing, 1993, p.139). A pergunta que se coloca é: O povo *Brassa* vivia uma democracia antes mesmo da delimitação territorial da Guiné-Bissau como país ou Estado-Nação? Esta pergunta será tratada nas próximas seções. Antes, porém, é essencial compreender as estruturas político-social dos Balantas/*Brassa*.

Na sociedade *Brassa*, desde o nascimento até o último suspiro no mundo real, todos os indivíduos, de ambos os sexos, passam por diferentes fases e etapas de vida, muitas delas marcadas por atos de iniciação, alguns sagrados, outros não. No caso dos homens, há quatro fases principais:

1. Bidóg ni Nharé (dos 3 aos 15 anos), composta por mais de quatro etapas;
2. N’ghayê (dos 15 aos 20 anos), com três etapas;

3. Bidógn (dos 20 aos 35 anos), também com três etapas;
4. Bilante Bindang (a partir dos 35 anos), igualmente dividida em três etapas.

As três últimas fases (2<sup>a</sup>, 3<sup>a</sup> e 4<sup>a</sup>) possuem três etapas cada, enquanto a primeira pode ser subdividida em até cinco ou mais etapas.

Para as mulheres, há três fases principais:

1. Kinrãng (dos 3 aos 15 anos), que não apresenta subdivisão por etapas, embora as meninas nessa fase consigam se identificar com seus congêneres masculinos das etapas da primeira fase até o primeiro ato de iniciação;
2. M'bifúla (Bifúla) (dos 15 aos 18 anos), composta por três etapas;
3. Binin (a partir dos 18 anos), composta por seis etapas (Siga, 2015, p. 25; Namone, 2019, p. 36).

### **3.2. Os colegiados dos Homens Brassa**

A partir da segunda (2<sup>a</sup>) fase, tanto para homens como para mulheres, possuem colegiados reconhecidos, que funcionam com rigor, através de regras, vestuários, reuniões oficiais, atos de iniciação, responsabilidade individuais e coletivas, grupos de companhia, obrigatoriedade em comparecer no local de choro, outros. Cada colegiado é composto com todos os membros das etapas dentro de uma fase, e os indivíduos das outras fases não podem participar nas reuniões oficiais dos colegiados das fases anteriores e ou subsequente, exceto situação excepcional. Abaixo passamos a descrever as quatro fase dos homens, as devidas responsabilidades, características gerais e em seguida a das mulheres, respectivamente.

*Bidóg ni N'nharé* – (1<sup>a</sup> fase) subdivididos por mais de cinco etapas. Antes da pessoa ser iniciada, ele ainda é criança por desconhecer códigos sociais, segredos que só é revelado para iniciados<sup>5</sup>. Nesta fase os meninos são responsáveis de pastoral gados, cuidar dos porcos e dos cultivos da família, principalmente arroz, são responsáveis de levar comida e ou água para os mais velhos no lugar de trabalho. Nesta fase, eles devem sempre procurar estar nos ambientes dos homens, não das mulheres, contudo devem cumprir mandado de qualquer adulto independente se é homem ou mulher, ou se é da outra *morança*<sup>6</sup>.

---

<sup>5</sup> Namone, Dabana. Educação tradicional e moderna na Guiné-Bissau e o impacto da língua portuguesa no ensino: caso das crianças da etnia Balanta-Nhacra de Tombali. 2020, p. 43.

<sup>6</sup> Conjunto casas com aglomerados de famílias, normalmente constituído por único sobrenome, cercado de vedação, deixando uma única entrada para interior, na forma de circunferências.

*N'hayê* - (2ª fase), é a fase mais apreciada na comunidade *Brassa*, sendo a fase aonde se pratica atividade desportiva - **luta livre** (*N'ghatché* - em Balanta), a mais respeitada entre os *Brassa*<sup>7</sup>. Nessa fase os *N'hayê*, tem certas prerrogativas, com caráter humorístico, dormem em casa qualquer, são um dos principais mão-de-obra nas atividades de lavoura, são protagonistas e atração nos momentos celebres das principais cerimónias (*Toka Tchur*, *Kussunde*, Dança de *N'hayê*<sup>8</sup>, outros). Nesta fase, não se pode relacionar com a mulher, o mesmo para as meninas, que só conhecem homem depois de serem iniciadas (casadas).

*Bidógn* – (3ª fase), o indivíduo é iniciado, através da cerimónia específica, durante seis dias, num espaço afastado de casa, ali é ensinado aos princípios que regem essa fase. Nesta fase, a pessoa tem liberdade de conhecer mulher (através de processo de *Binangha*<sup>9</sup>), podendo constituir a própria família, no entanto, todos filhos gerados nesta fase não são reconhecidos socialmente como filhos desta pessoa, visto que é ainda incapaz de controlar a parte espiritual ou ancestral desta criança, que só os iniciados nas cerimónias de circuncisão (*Fóh*<sup>10</sup>) tem essa prerrogativa. Não se pode, nesta fase homem ou mulher, presidir qualquer cerimónia ligada a vida espiritual da *morança*, porquanto não for iniciado/a na cerimónia de *Fóh* (circuncisão) e ou casamento (para mulheres). Um *Adógn* (singular de *Bidógn*), não se pode cozinhar a parte (assumir o seu próprio “fogão”, ou ser responsável da família); o arroz é guardado num único celeiro, gerenciado pela mulher mais velha da *morança*.

*Bilante Bindang*, (4ª fase), são responsáveis máximos da *morança*, função que só quem for iniciado no ato de *Fóh* tem prerrogativas para se intermediar o mundo físico com o mundo espiritual dos ancestrais desta *morança*. Esta função também poder ser desempenhada pela mulher mais velha da casa, na ausência de um homem iniciado na cerimónia de circuncisão (*Fóh*). *Bilante Bindang*, ocupam também de fazer certos trabalhos de menos esforço físico, entre quais, controlar atividade de lavoura na

---

<sup>7</sup> Namone, Dabana. Educação tradicional e moderna na Guiné-Bissau e o impacto da língua portuguesa no ensino: caso das crianças da etnia Balanta-Nhacra de Tombali. 2020, p. 31.

<sup>8</sup> Atividade festivas dos balantas, primeiro se organiza em homenagem a morte de membro da família. A segundo, realizada com intuito de competição de danças entre tabancas, o ultimo também se realiza na mesma ordem da ideia com a segunda.

<sup>9</sup> É prática tradicional do povo Balanta em que a mulher casada viaja para outra tabanca (vila/cidade), com intuito implícito de relacionar com outro homem, principalmente para aquelas mulheres com problema na *morança* aonde estão casadas.

<sup>10</sup> *Fóh*, conhecido em crioulo como fanando, circuncisão em português, mas é muito mais que uma simples atos de circuncisão, é uma fase mais importante, sendo a última que todos devem passar, feita na mata com duração de até três meses.

Bolanha<sup>11</sup>, fabricar instrumentos de trabalho, inteirar das questões ocultas sobre qualquer membro da família que estiver doente, intermediar as desavenças, propor sobre realização da cerimônia de *Toka Tchur*, presidir cerimônias de funeral, e outros. Na fase de *Bilante Bindang*, como forma de identificação, usa normalmente um barrete vermelho, que sempre possuem regras de como usa-las, conforme a etapa que constitui o *Lante N'dang/Bilante Bindang* (Homem Grande/homens grandes).

### **3.3. Os colegiados das mulheres Brassá**

As meninas, até a idade de adolescência, pertencem à primeira (1ª) fase, chamada *Kinrãng*, durante a qual aprendem tudo o que é necessário para a vida adulta, devendo obedecer aos pais e/ou às mestras enquanto não forem iniciadas. Nesta fase, são ensinadas a desempenhar diversas tarefas, como lavar pratos, buscar água, lenha, varrer e muitas outras tarefas delegadas pelos mais velhos.

*M'Bi Fula* – (2ª fase), a pessoa, sendo já iniciada, deve colocar em prática o que lhe foi ensinada durante processo de iniciação. No lugar sagrado de cerimônias de iniciação, que normalmente acontece nas zonas intermediárias entre zona de mata e mangal, ali são ensinadas códigos sociais, que mais tarde serão cobrados oralmente no fórum oficial (reuniões de colegiados), o mesmo acontece com os *N'hayê* (homens da segunda fase).

*Binin* - (3ª fase), a partir desta fase, o indivíduo não é mais criança, sendo mulher casada, tem todo direito ao que o homem/mulher adulto/a pode fazer. É de lembrar que antes desta fase (de casamento), a mulher deve se manter “virgem,” até conhecer seu primeiro marido, o mesmo para os *N'hayê* (homens com idade ainda considero imaturo), que só podem conhecer a mulher após processo de iniciação, isto é, na terceira fase (*Bidógn*). As mulheres possuem responsabilidade de manter controle da casa, dando orientações as fases posteriores, cuidando da administração da casa, principalmente arroz, e animais de pequenos portes (cabra, porco, galinha, outros).

---

<sup>11</sup> Lugar de cultivo de arroz, normalmente situada nos intermediários entre mata e mangal, zonas de rios das águas salgadas (campo irrigado).

### 3.4. Responsabilidade partilhada de Brassá

Apesar de separação de colegiados/poderes entre homens e mulheres e etapas, eles supervisionam entre si, o cumprimento fiel das regras, sob pena de punição, através de multas e, dependendo de gravidade da infração, o grupo/fase etária e ou/etapa, pode pagar uma determinada quantia em vinho (Bebida), galinha, porco, cabra e outros.

Se os *N'hayé* faltarem em cumprir certos preceitos, dependendo de ato, podem ser multados (indemnizados) pelos *Bidógn* e ou pelos *M'bi Fula (Bifúla)*. A fase de *Bidógn* deve-se justificar seus comportamentos perante mulheres, quando infringirem regras tradicionais da sociedade Balanta, podendo ser indemnizados por elas (*Binin* – mulheres casadas) assim que faltarem algumas regras, e vice-versa<sup>12</sup>.

No que trata das atividades da vida da comunidade, na hierarquia Brassá, as mulheres casadas (*Binin*) partilham o mesmo espaço de confraternização com homens da terceira fase (*Bidógn*) e da quarta fase (*Bilante Bindang*); enquanto as meninas que ainda não forem casadas (*Bifúla*), só podem dividir espaço de confraternização com os *N'ghayé*, e ambos cobram, entre si, o cumprimento das regras preexistentes.

## 4. A Horizontalidade dos Brassá e a Democracia

Segundo Cardoso (1990, p. 7) a etnia Brassá é um povo, entre vários outros, chamados sociedade “sem estado”, o que facilitou a sua adesão aos movimentos da luta de libertação nacional contra colonização portuguesa. Nesta ordem de ideia, Cabral (1978) classifica Brassá como uma sociedade horizontal, e que, segundo Pinto (2009), é uma sociedade com ausência de em um único chefe (Pinto, 2009, 33). O termo sociedade “sem estado”, outrora é usado no sentido pejorativo contra determinado povo categorizando-os como não civilizados. Pierre Clastres, na sua pesquisa sobre povos ameríndios, o povo “sem estado” na perspectiva ocidental significaria “gentes sem fé, sem lei, sem rei” (Clastres, 1979, p. 12). Segundo o pesquisador, esse conceito de Estado é produto ocidental, que não pode ser aplicado para classificar se uma sociedade possui ou não a estrutura de Estado. O autor reconhece que toda sociedade possui Estado, no entanto, os europeus que já estavam acostumados a viver num modelo de Estado aonde existe poder de comando-

---

<sup>12</sup> Ao incumprimento e ou transgressão de algumas regras por quaisquer um do grupo (sexo/fase/etapas/), a punição vai para todos. Se a infração for contra a fase seguinte (*Bidógn*), todos membros de grupo de *N'hayé* serão punidos em conjunto, independentemente de quem infringiu a regra; se a infração for de uma das etapas contra seus superiores, a punição também se recai a todos membros da etapa inferior. Essa regra, equivale para todos: mulheres/homens, fases/etapas, ou seja, mulheres podem pagar multas aos homens (*N'hayé*, *Bidógn*, *Bilante Bindang*) e estes devem o fazer em relação às mulheres (*M'Bifúla*, *Binin*), quando faltarem seus deveres.

obediência, esperavam também encontrar o mesmo modelo nas sociedades não europeias (Clastres, 1979, p. 14).

O que significa uma sociedade horizontal no contexto do povo Brassa? Será que a organização política do povo Brassa pode ser entendido como um modelo de Estado com princípio democrático? Segundo Bobbio (1986, p.18) a democracia é entendida como [...] “todas as formas de governo autocrático, [...] caracterizada por um conjunto de regras (primárias ou fundamentais) que estabelecem quem está autorizado a tomar as decisões coletivas e com quais procedimentos”. Nos regimes democráticos, exige que poder seja depositado a alguém ou a certos indivíduos através dos critérios preestabelecidos, o que também pode ser encontrada na sociedade Brassa. Com ausência de chefe único, apesar da existência da fé<sup>13</sup>, das leis e demais outras características, segundo critérios ocidentais, o povo Brassa não poderia ser considerada uma sociedade com Estado.

Quem são valorizados na comunidade Brassa e com quais critérios? Nos parágrafos seguintes, descreve as relações de poder nessa comunidade e princípios de independência, impossibilitando assim, a existência de um modelo ao molde ocidental, baseado nas relações de comando-obediência.

Na comunidade Brassa o indivíduo é considerado digno e honrado quanto mais generoso em distribuir sua riqueza material a toda comunidade<sup>14</sup>. Uma das coisas mais importante e valorizada na sociedade Brassa é a capacidade econômico, cujo base principal é arroz. Nessa sociedade, ter arroz suficiente é essencial para poder prover muitos gados, muitas mulheres, muitos filhos e, ser capaz de alimentar todos eles (Imbali, 1992, p. 16). Entende-se que o Brassa, possuem um sistema político-social que permite o indivíduo, através das fases de iniciação, receber educação e ser fiel em cumprir ensinamentos transmitidos, sobretudo em priorizar a vida coletiva, não o individualismo. Aqui, abaixo trazemos um quadro de tabelas, resumindo as hierarquias das fases, etapas, idade e relações de poder entre homens e mulheres, das diferentes fases etapas. Depois da tabela a seguir que demonstra as relações de poder nas fases, entre homens e mulheres, a última seção se dedica a fazer uma análise que resume os significados e sentidos tradicionais, princípios democráticos dos Brassa.

---

<sup>13</sup> Uma fé não baseada na religião cristã (critérios ocidentais), mas nas práticas culturais do povo Bassa.

<sup>14</sup> “Entre os balanta a riqueza é demonstrada no acto do consumo e partilha dessa mesma riqueza” Pinto, Paula. Tradição e modernidade na Guiné-Bissau: uma perspectiva interpretativa do subdesenvolvimento. 2009, p. 55

## Estrutura de Fases Etárias e Etapas dos Homens e mulheres do Povo Brassá

Homens				Símbolos de distinção		Mulheres							
Fases	Etapas	Designação	Idade	homens	mulheres	Fases	Etapas	Designação	Idade				
<b>Bilante Bindang</b> <b>Ou</b> <b>Kilante Kindang</b> <b>(adultos)</b>	4 <sup>a</sup>	<i>Buhóo</i>	50+	Barrite vermelho, circuncisão.	Casamento, Tranças, Admissão de casa, espiritualidade	<b>Binin</b> <b>Ou</b> <b>Kinin</b> <b>(adultos)</b>	5 <sup>a</sup>	<i>Kindóló</i>	50+				
	3 <sup>a</sup>	<i>N'Tched - tcedn</i>	45-50				4 <sup>a</sup>	<i>Kbassána</i>	26-40				
	2 <sup>a</sup>	<i>N'gthan - M'món</i>	40-45				3 <sup>a</sup>	<i>Kshadé</i>	24-26				
	1 <sup>a</sup>	<i>N'gthan -Tsonh</i>	35-40				2 <sup>a</sup>	<i>Kthatá</i>	21-24				
<b>Bidógn ou Kidógn</b> <b>(Jovens)</b>	3 <sup>a</sup>	<i>Bidog Bindang</i>	35-35	Lenço Tranças Namoro	Pulseira, Saia, Tranças		<b>N'Kbi-Fúla</b> <b>Ou Kifúla</b> <b>(Jovens)</b>	1 <sup>a</sup>	<i>Kyêlê/Kyêclê</i>	18-20			
	2 <sup>a</sup>	<i>Thong</i>	25-30			3 <sup>a</sup>		<i>Bifúla Bindang</i>	17-18				
	1 <sup>a</sup>	<i>N'hyês</i>	20-25			2 <sup>a</sup>		<i>Bifula n'nhug'n</i>	16-17				
<b>N'hayê ou</b> <b>King-hayê</b> <b>(Jovens)</b>	3 <sup>a</sup>	<i>N'hayê - n'gdang</i>	19-21	Malila, Luta Livre Divertido	Brincadeiras, trabalhos domésticos.	<b>M'kbisonh</b> <b>ou</b> <b>Kisonh</b> <b>(crianças)</b>	3 <sup>a</sup>	Kinrāng	4-15				
	2 <sup>a</sup>	<i>N'hayê - n'nhug'n</i>	17-19										
	1 <sup>a</sup>	<i>N'hayê - tsonh</i>	15-17										
<b>M'kbisonh</b> <b>ou</b> <b>Kisonh</b> <b>(crianças)</b>	5 <sup>a</sup>	<i>N'kumang</i>	13-15	Brincadeiras, Aprendiz Pastorias	Brincadeiras, trabalhos domésticos.					<b>M'kbisonh</b> <b>ou</b> <b>Kisonh</b> <b>(crianças)</b>	3 <sup>a</sup>	Kinrāng	4-15
	4 <sup>a</sup>	<i>N'dáh</i>	8-12										
	3 <sup>a</sup>	<i>Furfat</i>	4-7										
	2 <sup>a</sup>	<i>M'moth - Clath</i>	1-3										
	1 <sup>a</sup>	<i>N'nida-wey</i>	0										

Na tabela acima, demonstra a estrutura do Brassá, entre homens e mulheres, seus colegiados, constituídos por fases etárias, etapas (idade) e características de identificação. Para homens, existe quatro fases, entre quais: (1<sup>a</sup>) *M'kbisonh/Kisonh* (crianças), constituído por mais de cinco etapas, é uma fase de aprendizagem, sendo considerados crianças responsáveis de pastorar gados. (2<sup>a</sup>) *N'hayê/Kin-hayê* (jovens), constituído por três etapas, usam malilas nos braços, tocam instrumentos musicais, como sicó, chifre, viola e outros, praticam luta livre. (3<sup>a</sup>) *Bidógn/Kidógn* (jovens), constituído por três etapas, usam lenços, tranças e brincos, nas primeiras etapas, tem liberdade de namorar. (4<sup>a</sup>) *Bilante Bindang/Kilante Kindang* (adultos), constituído por quatro etapas, usam Barrite vermelho, responsáveis das questões espiritual.

Para as mulheres existe três fases, entre quais: (1<sup>a</sup>) *M'kbisonh/Kisonh* (crianças), constituído por mais de cinco etapas. É uma fase de aprendizagem, lavam louças, limpeza e outras tarefas de menor esforço. A segunda fase: (2<sup>a</sup>) *N'kbi-Fúla/Kifúla* (jovens), constituídos por três etapas, usam pulseira na mão esquerda na primeira etapa, usam saias, pano curto (m'mél), lenço, tranças específicas; terceira fase das mulheres: *Binin/Kinin* (Jovens/adultos), constituído por cinco etapas, usam normalmente panos, tranças específicas, liberdade de namorar.

## ANÁLISE E DISCUSSÃO

Nesta seção, pretende-se analisar as fases etárias na sociedade Brassa, sua importância na tomada das decisões, princípios de liberdade individual, ausência de poder centralizados e o princípios democráticos nas relações sociais.

Na sociedade Balanta, além de idade e fases de iniciação, o indivíduo é considerado adulto consoante a grau de solidariedade e espírito coletivo demonstrado, nas relações social, no seu cotidiano. Por isso, é comum quando a pessoa não se comporta conforme sua fase exige, se diz em balanta: – *hu awóthi sim, gd'rassa* – (você não entende língua balanta) - isto é: você não escutou e nem guardou tudo que foi ensinado nos atos de iniciação (indivíduo desobediente).

O princípio da liberdade e de independência que constitui Brassa pode ser explicitamente percebido através de suas subdivisões, fases etárias e etapas. As fases etárias a que todo o indivíduo tem por obrigação moral de o cumprir, é ele que determinada seu lugar naquela sociedade, ou seja, a pessoa é considerada adulta não só pela idade (anos), mas pelo cumprimento de todas as fases de iniciação, a idade biológica é apenas critério mínimo de seleção para que a pessoa possa ser submetida aos atos da iniciação. Na vida o indivíduo aprende por meio de experiência vivida ao longo de tempo, o que permite uma capacidade de resolução de problemas, no entanto, na sociedade Brassa o indivíduo é considerado sábio, não necessariamente pela experiência acumulada, mas por ter passado nos atos de iniciação e que seus comportamentos reflitam na educação transmitida durante cerimônias de iniciação.

Por outro lado, além de prestígio que um indivíduo pode receber pela fidelidade aos princípios, a generosidade, e outros, existe também uma figura reconhecida na comunidade Brassa, chamada *Fan'ni Kintéhda*, (dono da aldeia), isto é, os primeiros habitantes da aldeia/cidade. O que significa que os Brassa reconhecem o direito da primeira pessoa que povoou a localidade, e ele é responsável máxima a ser cobrado, quando acontece algo fora do normal na aldeia, por exemplo, surgimento de uma epidemia, mortos misteriosos, péssima produção de arroz no ano e outros. Essa responsabilidade de primeiro morador (*Fan'ni Ki n'tédah*), é mais para âmbito religioso, sendo a primeira pessoa que preside cerimônias, em representação de todos, não possuindo o poder de comando-obediência.

Pode se notar que, nessa sociedade, não existe noção de classe social<sup>15</sup>, em que certos grupos de pessoas são privilegiados por pertencerem a um tipo de poder, seja político e ou econômico. Aliás, uma única forma de a pessoa ser considerada digna, além de respeito as regras dos colegiados, é possuir primeiro arroz em quantidade suficiente mais que qualquer outro indivíduo da aldeia, ser detentor de gados, ter muitas mulheres e, por conseguinte gerar muitos filhos, aumentando grandiosidade da *morança*. Não basta ter arroz e ou gados em quantidades, é preciso que esses bens se reflitam aquela sociedade, ou seja, ser generoso<sup>16</sup> com o que você tem, principalmente arroz e gados, que sempre devem ser disponibilizados nas cerimônias, por exemplo, de *Toka Tchur*. Importa frisar que o processo da produção de arroz na comunidade Brassa ela é, de certa forma coletiva. Apesar de cada responsável familiar possuir a sua própria *Bolanha*, o trabalho é sempre compartilhado, principalmente quando o responsável familiar estiver na idade elevada e ou não possuir jovens (filhos) suficiente para mão-de-obra.

A reconhecida função de *Bilante Bindang*, na comunidade Brassa, está ligada às hierarquias das fases e etapas que todos devem se cumprir para se tornarem anciãos, a máxima autoridade da comunidade Brassa. Para se tornar um ancião, por meio de circuncisão (*Fóh*), a pessoa é convocada através de seu tio, e tem direito de ignorar o convite, diferentemente do que acontece nas fases anteriores (*N'hayé, Bidógn*), em que os responsáveis das fases superiores avisam aos pais destes, antes do ato de iniciação. Isto acontece, porque, nesta fase, a pessoa ainda é considerada “criança”, e que não consegue fazer escolhas próprias, enquanto, na última fase (*Fóh/circuncisão*), o indivíduo é considerado instruído socialmente, com capacidade mínima para decidir livremente se quer ou não tornar homem grande (*Lante N'dang*). Com isso, percebe-se que os princípios democráticos, nesta sociedade, não estão ligados unicamente à idade biológica, mas, sim, a idade somada aos atos de iniciação para poder fazer parte em um dos colegiados.

Na sociedade Brassa, todas as fases etárias, desde crianças até a morte, tanto homem e/ou mulher, são identificados através de seus traços culturais, obrigatórios a todos, podendo ser tranças, cortes de cabelo, chapéus (barrite vermelho), conferindo, assim, as demarcações das funções que se devem desempenhar na relação de convivência. É na

---

<sup>15</sup> Na verdade, homens e mulheres organizam-se em classes de idade. Isto significa que, em princípio, a ascensão dentro desta organização faz-se, naturalmente, na medida em que a idade vai avançando. Pinto, Paula. Tradição e modernidade na Guiné-Bissau: uma perspectiva interpretativa do subdesenvolvimento. 2009, p.49

<sup>16</sup> Imbali, Faustino. Um Olhar Sobre o Sistema Alimentar Balanta: O Caso das Tabancas de Mato Forroba e Cantone. Soronda, nº14, jul.1992, p. 11.

base desta fase que se sabe quem é responsável de gerenciar cada assuntos, execução de trabalhos, seja de responsabilidade familiar, por exemplo, de trabalho de *bolanha*, de arroz, dos gados da família, responsáveis pelas cerimônias fúnebres, festas importantes, entre demais papéis sociais. A esse conjunto de responsabilidade (funções), uma espécie de colegiado, torna o povo Brassa, uma sociedade horizontal, não só pela ausência de um poder exercido por uma única pessoa, mas por existir grupo de pessoas, organizadas em fases, com papéis definidos, sendo supervisionados por hierarquias superiores, simultaneamente entre gênero masculino e feminino. Para o homem, a etapa mais importante é a cerimônia de circuncisão, (*Fóh*), enquanto para mulheres, casamento (*Pkal*<sup>17</sup>).

A partir de segunda fase, todas as cerimônias, seja de iniciação e ou outra atividade ligada à vida do grupo são realizados de forma separada. Os homens não podem participar na festa de casamento ativamente, ou seja, eles participam como figurantes nos momentos normais de diversão, e quando é momentos sagrados, são obrigados a afastarem da *morança* durante o dia todo, para que as mulheres possam consagrar a noiva. Para os homens, todas as cerimônias de iniciação, seja de *N'hayê*, *Bidógn* e *Bilante Bindang*, são realizados na mata, afastado de casa; enquanto, para mulheres, na fase de *M'bifûla*, a cerimônia se realizada nas zonas de mangal (entre mata e mangal), diferentemente do que acontece na fase das mulheres casadas (*Binin*), em que sendo todas as cerimônias de casamento (*Pkal*) se realizam em casa<sup>18</sup>. Pode se observar que em todas as primeiras fases de (mulher/homem,) de Brassa, não possui atos de iniciação, sendo consideradas as fases em que o indivíduo ainda menor biologicamente e socialmente. As fases de iniciação, devem ser seguidas sequencialmente desde a primeira até a última, não podendo chegar noutra fase sem ter que passar nos pré-requisitos, isto porque, cada fase tem um ensinamento base, que te permita amadurecer-se e comportar-se adequadamente segundo preceito daquela fases-etapas.

A atividade de cultivo de arroz nas *bolanhas* é considerar um trabalho mais digno, ou seja, qualquer atividade econômica fora de lavoura, não é reconhecido como trabalho

---

<sup>17</sup> Segunda fase da mulher, entendido como casamento, mas que não se resume a simples matrimônios, é uma etapa de ensinamento e de segredo que não é aberto a todo, por isso os homens e meninas que ainda não forem casadas devem afastar de casa durante momentos sagrados.

<sup>18</sup> São as mulheres que assumem o processo de casamento, em que a noiva é submetida as cerimônias sagradas, e percorridos seis dias depois de processo de iniciação (casamento), é feito uma outra reunião em que todos homens são obrigados afastarem de casa desde madrugada e ficam fora da *morança* o dia todo. Durante esse momento nenhum homem, na fase adultas pode pisar na *morança*, sob pena de punição severa, pago com arroz, bebida, porcos, outros, que serão consumidos para todos.

digno, mas sim um princípio capitalista. O arroz, sendo principal base alimentar dos Brassa, é considerada a propriedade de todos, portanto, quem pauta pela coletividade, deve se disponibilizar o máximo do seu tempo na atividade de bolanha, e, assim, é considerada um trabalhar, um homem completo.

Os Brasa/Balantas, sendo seus princípios mais importantes, a unicidade ou a homogeneidade social, em que todos são responsabilizados e, quando um dos grupos infringirem regras, são obrigados a pagarem multas, mesmo que a infração for praticada isoladamente por um membro do grupo/fase ou etapa, todos outros membros pagam coletivamente.

### **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Nas hierarquias do povo Brassa, as fases *Bilante Bindang* (Homens Grandes) e *Binin Bindang* (Mulheres Grandes) representam os responsáveis máximos, incumbidos de tomar decisões que ultrapassam a capacidade das fases anteriores. Para os Brassa, qualquer indivíduo que não tenha passado pelas cerimônias de iniciação correspondentes às diferentes fases, ainda é considerado uma criança. Mesmo após completar todos os ritos de iniciação, é necessário confirmar seu status por meio de comportamentos adequados, vestimentas, conhecimento dos códigos sociais explícitos e implícitos, compromisso com a verdade e seriedade no discurso - características essenciais para ser considerado digno de confiança.

As fases etárias na sociedade Brassa constituem uma estrutura sustentável e equilibrada, que não abre espaço para a lógica de uma economia capitalista. Isso ocorre porque os indivíduos considerados ricos ou poderosos têm uma obrigação moral de compartilhar suas riquezas ou habilidades em benefício do coletivo. Dessa forma, a sociedade Brassa adota um modelo de democracia fundamentado em deveres morais, e não no princípio de direitos baseados no lucro individualista. Igualmente, o trabalho também é compartilhado, reforçando os laços comunitários. Embora exista liberdade individual na sociedade Brassa, o princípio da coletividade é mais valorizado do que o individualismo.

## REFERÊNCIAS

- BOBBIO, Norberto; NOGUEIRA, Marco Aurélio. **O futuro da democracia: uma defesa das regras do jogo**. Rio de Janeiro: Paz e terra, 1986.
- CABRAL, Amílcar. **A arma da teoria: Unidade e Luta I**. 2ª ed. Cera Nova Lisboa 1978.
- CAMLLERI, Salvatori. **A identidade cultural de povo Balanta**. Lisboa, 2010.
- CARDOSO, Carlos. 1990. Ki-Yang-Yang: Uma Nova Religião dos Balantas? **Soronda**, nº10, jul. 1990.
- CLASTRES, Pierre. **A sociedade contra o estado**. Tradução de Bernardo Frey. Porto: Edições Afrontamento, 1979.
- CRESWELL, John W. **Projeto de pesquisa: métodos qualitativo, quantitativo e misto**; tradução Magda Lopes. 3ª ed. Porto Alegre: ARTMED, 2010.
- GIESING, Cornélia. 1993. Agricultura e Resistência na História dos Balanta-Bejaa. **Soronda**, nº10, Jul.1993, 125-167.
- GIL, António Carlos. **Metodologia de pesquisa social** / António Carlos Gil – 6. Ed – São Paulo: Atlas, 2008.
- IMBALI, Faustino. 1992. Um Olhar Sobre o Sistema Alimentar Balanta: O Caso das Tabancas de Mato Forroba e Cantone. **Soronda**, nº 14, jul.1992.
- NAMONE, Dabana. **Educação tradicional e moderna na Guiné-Bissau e o impacto da língua portuguesa no ensino: caso das crianças da etnia Balanta-Nhacra de Tombali**. Araraquara, 2020.
- PINTO, Paula. **Tradição e modernidade na Guiné-Bissau: uma perspectiva interpretativa do subdesenvolvimento**. Dissertação de Mestrado. Universidade do Porto (Portugal). 2009.
- SEMEDO, Rui Jorge. **Técnica e saberes locais da tradição Balanta**. Bissau, Tinguena, 2015.
- SIGA, Fernando. **A organização social, política e religiosa dos Balanta: usos, costumes e rituais**. Monografia do curso do Bacharelado em Humanidades do Instituto de Humanidade e Letras da Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-brasileira – UNILAB. Redenção, 2015.
- SIMÕES, Landerset; DE MATOS, Norton. **Babel negra: etnografia, arte e cultura dos indígenas da Guiné**. Porto, 1935.